Anno 4.º — SEGUNDA-FEIRA 24 DE JULHO DE 1911 — N.º 28

CORREIO DE VOUGA

Semanario independente, noticioso e litterario

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—*José Ferreira de Magalhães*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

OS CONTOS DO POVO

O povo não tem a arte de narrar, de encadear sabiamente os episodios, não saboreia o desenvolvimento d'um entrecho. A sua arte é toda feita de sinceridade, imotividade, não architecta, não combina: — fixa em *pochades* nervosas a emoção d'um momento, — uma gargalhada ou uma lagrima. Por isso os seus trechos de arte viva estão nas *anedoctas* e *fabulas* e nas quadra do cancioneiro com seus fados.

Nas anedotas e fabulas ha, de vez em quando, a ironia matreira d'um Esopo de enxada ao hombro. Ha a mesma alada gargalhada faiscante com que na vida o povo sublinha o que lhe parece ridiculo;—que derruba pela fragancia do sarcasmo tão despreoccupado e prazenteiro como se viesse dentre dos loureiros e os myrthos d'um primitivo bosque negro.

As quadras e os romances em verso são queixas, confissões, gritos, retalhos lyricos vivídos ás vezes em paroxismos de dor ou de amor.

Os fados apanham com uma subtileza suprema estes estados de espirito fluctuantes em que o pensamento como que ondeia e se dilue numa neblina musical. Ha na sua melopea langorosa, uma quebreira que lhe estende a cadencia, que a faz hesitar como se um errante sonho de continuo a distrahir-se.

E que ar, que na luz musica dos fados!

Como embebido no seu rithmo os gritos e as confidencias nas quadras nos chegam ondeantes, perdidos em estações campestres, em claridade de horisonte! A quadra diz uma dôr infinita, a tristeza inconsolavel d'um abandono: — e em volta a canção espalha sussurros de aguas, suspiros de arvoredos, frescuras de sebes, silencios extasiados... Esfuma-se e cresce em torno um horisonte ideal. A' vales de labor, múrmuras encostas echos entre quebradas, fluidez aérea... E os gritos que os versos lançam parece que se alastra, se dilui no meio do musical rumor das coisas; e a expressão de abandono, de desalento, que elles quasi sempre encerram, penetra-nos, torna-se viva ao sentirmol-os evaporar-se no meio da larga indifferença harmoniosa da evocada paisagem campesina. O fado é feito de tudo quanto do campo se exhala de vago, de malodiosamente indifinido. Aflorando nas boccas frescas, é essa harmonia esparsa que toma alma e se faz canção pela cadencia d'uma alvoraçada alegria ou de uma tristeza inconsolavel.

Os contos de fadas não reflectem em nada verdura, trasnparencia etherea, luz. Não ha flôres, primaveras, frescuras de sombras. Parece que todos elles nasceram nos casebres, quando lá fóra a noite desgrenhada ulula e regouga, e que as suas imagens foram visionadas no fundo enfumaçado das paredes, ao clarão das lareiras. Mesmo amor nunca apparece florido, bucolico como por vezes nas canções. Não ha idylios sob as verdes penumbras á beira das aguas. Ha encantamentos, vaticinios, sangue...

Effectivamente aqui, como nas *lendas*, um sentimento domina:—o da essencia encoberta, mysteriosa, tragica da vida. E n'isto está o aspecto interessante, documental d'esta especie de contos. N'isto está a sua justificação como producto espontaneo na litteratura popular. Nada é placido, correntio. De continuo a sombra do Destino paira imprescrutavel envolvendo tudo em teias de sombra. Encadeiam-se emaranhadamente episodios, apparições e as figuras desfilam a uma luz palida, atormentada, sobre um fundo negro de mysterio e de fatalidade. Presente-se toda a allucinação peculiar da raça, que transporta para as coisas uma paysagem animica, que as deforma ao sabor de uma visão interior, psychica de que Anthero é a encarnação culta.

Os proprios symbolos mythicos, que surgem com frequenaia, são conservados só pelo seu sabor de enygma. Os personagens dos contos são ainda, quasi sempre, principes e princezas, reis e rainhas—ultimos echos talvez d'uma raça d'heroes com que os velhos rapsodos representavam as grandes energias occultas. Mas agora apparecem somente com uma exigencia scenica, como uma maneira ingenua de dar a impressão de irrealidade, de mundo sobrenatural.

Nas canções, lendas, anedotas, ha almas que choram, que riem, se desesperam ou cantam. Nos contos ha longas télas phantasticamente bordadas com reminiscencia de reconditos paizes exoticos. O pensamento exhala-se, como um fumo lento, em extranhas figuras que se transformam e se desfazem. Mas o sopro da vida sublimada, que acolá perpassa, aqui não se sente. Ha cortejos scintilantes, aureas côrtes, cavernas, palacios abandonados, rios de sangue e de leite, metamorphoses, monstros: e tudo se agita e compõe um ambiente de chimera onde o espirito divaga numa tragica volupia de sombrio sonho.

Manuel Eugenio Massa.

GAZETILHA

Eu não posso perceber,
Pense embora um mês inteiro,
A razão desse *berreiro*
Que por'hi se anda a fazer
Contra o sôr Paiva Couceiro.

Que mal, ó lusos, vos faz
Uma invasão d'hespanholas
De mantilha e castanholas
Se daes todos... *sóta e az*
Pelas Pepitas e Lolas?

Lá que fosse o *femeaço*
Que com dôr de cotovêlo
Lhe quizesse *a roupa ao pêllo*
Conchegar ou ao espinhaço,
Era logico e até bello!

Porque é dôr d'arripiar,
Cachopas, *segun se cuenta!!*
Se mil couces de jumenta
Custam menos a aturar
Do que mulher ciumenta!!

Mas que soldados e cabos
E carbonarios e tal
Ao Couceiro queiram mal,
Nem por seiscentos diabos
Me entra no *caco* afinal.

Pois o *gajo* o que procura?
Com geitinho, amor e manha
Trazer-nos da nobre Hespanha
Buenas chicas com fartura!
E o português é quem ganha.

Se comsigo nos levasse
Qualquer dama portuguêsa,
Não tinha p'ra mim defeza
E quando cá se apanhasse
Era dar-lhe logo á têsa.

Mas assim, ninguem se zangue
Que dos *machos* não vem mal!
E é sabido quanto vale
A affeição da voz do sangue.
Viva o nosso Portugal!

22-7-911

EL-VIDALONGA.

As mulheres absolutamente formosas não teem senão o pudor sufficiente para fazer realçar a sua formosura.

Alexandre Dumas, filho.

E'cos da Constituinte

O sr. Valente d'Almeida, em uma das ultimas sessões da Constituinte, occupando-se da gréve dos empregados da Companhia Carris de Ferro do Porto, disse que «neste periodo de formação da Republica não se póde exigir que as leis republicanas sejam rigorosamente cumpridas».

Esquecer-se-ia o illustre deputado de que *de pequenino é que se torce o pepino?*

*

Discutia-se na Constituinte, em sessão nocturna, o projecto de lei contra os traidores á patria, e o joven mas energico parlamentar Antonio Granjo atacava-o com violencia e coragem, provocando um chuveiro de ápartes. Entre outros, o do sr. Antonio Macieira, que theatralmente exclamou:

—Parece impossivel que haja republicanos que ataquem o projecto!

Devia o sr. Granjo conservar-se sereno e indifferente perante a provocação do collega, mas não se poude conter e saiu-se com esta:

—Sou republicano ha mais tempo do que v. ex.ª.

O sr. Macieira, dando, num momento, balanço ao seu passado politico, chegou a esta honrosa conclusão com que pretendeu render a Assembleia:

—Sou republicano desde que me conheço (ou desde que nasci—os taquigrafos não entenderam bem—), embora não filiado.

Nesta altura faz-se na camara grande tumulto, e, para a bambochata ser completa, só falta alguem que empunhe o celebre pau de bater bifes.

Mas... lá chegaremos, se, por mal de nós todos, o sr. Granjo e o sr. Macieira não se resolverem a mudar de processos.

Então é que o grande Marquez póde dizer, lá do outro mundo, com verdade:

—«Ai Portugal que vaes á vella!»

*

Propoz o deputado Antonio Macieira que fosse creada uma medalha commemorativa da Revolução de cinco d'outubro.

Esta medalha será de ouro e prata e deve ser concedida á todos os cidadãos que tomaram parte naquella Revolução.

Mas onde se hade ir buscar tanto oiro e tanta prata, se não ha portuguez nenhum que no dia cinco d'outubro não tenha estado na Rotunda?

*

Apresentou um illustre deputado um projecto de lei, pelo qual será reduzido o preço do *Diario do Governo*, e requereu que esse projecto fosse publicado na folha official.

Resta saber se o *Diario* franqueará as suas columnas, em prejuizo proprio

Assembléa Nacional Constituinte

20.ª sessão—17 de julho

O sr. Lopes da Silva occupou-se da questão do azeite, e o sr. Alvaro Castro fallou sobre o seu projecto de lei contra os conspiradores.

O sr. França Borges fallou sobre o mesmo assumpto e o snr. Aquilles Gonçalvel referiu-se á difficuldade com que no Banco de Portugal se fazem descontos a commerciantes que merecem todo o conceito.

Na ordem do dia continuou-se se com a discussão da Constituinte, fallando, entre outros, os srns. Carlos Olavo, Antonio Maria da Silva e João de Freitas.

21.ª sessão—18 de Julho

Entra em discussão o projecto que extingue a camara dos pares.

O sr. Jorge Nunes propõe que se garantam aos empregados da antiga camara os seus antigos logares e vencimentos.

O sr. Eduardo d'Abreu entende que a emenda do sr. J. Nunes só póde ser attendida desde que se conheçam os resultados da sindicancia effectuada ás secretarias da referida camara.

Entre estes dois deputados e outros houve discussão sobre o assumpto declarando o sr. B. Teixeira que a commissão administrativa só teve em vista reduzir as despezas, e por isso creou apenas uma direcção geral do Parlamento.

O projecto foi em seguida votado, não sendo aceite a emenda do sr. J. Nunes.

O sr. Ramada Curto, em negocio urgente, occupou-se da organisação do ensino na Escola do Exercito. Censurou o processo como se faz o recrutamento dos professores: o do concurso documental. Attribuiu-se a isso, em parte, o facto de no ensino se seguir a corrente historica, estudando-se o que é velho e pondo-se de lado o que realmente se devia estudar. Accusa ainda o corpo docente de reaccionario, que faz troça da Revolução de outubro e se negou até a fornecer aos estudantes uma bandeira nacional para elles exhibirem na festa da abertura da Constituinte.

Terminando, propoz que se fizesse immediatamente á Escola do Exercito uma sindicancia.

O sr. Antonio Valente d'Almeida occupou-se da carestia do azeite, perguntando ao governo se já havia tomado algumas providencias para fazer baixar o preço d'este genero de primeira necessidade, e da gréve dos Carris de Ferro do Porto, dizendo que neste periodo de formação da Republica não sé póde exigir que as leis republicanas sejam rigorosamente cumpridas.

Na ordem do dia continuou-se na discussão do projecto da Constituição usando da palavra, entre outros, os srs. Nunes da Motta Affonso de Lemos e o Dr. Theo-

philo Braga, que fez um grande discurso, sendo dada por esgotada a materia. Os restantes oradores inscriptos desistiram da palavra.

O projecto foi approvado na generalidade.

22.ª sessão—18 de Julho (noite)

Principiou a sessão ás 9 h. e meia da noite. A enchente nas galerias era colossal.

Continuou-se a discussão do projecto da lei sobre os crimes de traição á patria, usando em primeiro logar da palavra o sr. Arthur Costa que não considera o projecto excepcional.

O sr. Antonio Granjo atacou mais uma vez o projecto que classifica de lei de excepção. Falla com muita violencia, provocando varios ápartes e muito tumulto na Assembleia.

O sr. Antonio Macieira disse que parecia impossivel que houvesse republicanos que atacassem o projecto.

O sr. Granjo, interrompendo-o: «sou republicano ha mais tempo do que V. Ex.ª.

Não ficou callado o sr. Macieira que replicou: «sou-o desde que me conheço, embora não filiado.

Usou por fim da palavra o sr. José d'Abreu que defendeu o projecto.

A sessão terminou ás 12 h. e meia da noite.

23.ª sessão—19 de Julho

O sr. Faustino da Fonseca perguntou se na Camara Municipal ainda estão expostos os retratos dos dois ultimos reis.

O sr. presidente, respondendo ao sr. Fonseca, disse: os retratos estão na camara apenas como documentos historicos e não como retratos dos reis.

O sr. Antonio Macieira apresentou um projecto de lei, pelo qual se creará uma medalha commemorativa da Revolução de Cinco d'Outubro, medalha que será conferida a todos os que tomaram parte n'essa Revolução. A medalha será em ouro e prata e dará aos seus possuidores direitos de preferencia em todos os empregos publicos.

O sr. Sousa da Camara apresentou um projecto de lei, creando uma escola de olivicultura.

O sr. Alvaro de Castro occupou-se de assumptos coloniaes, respondendo-lhe o sr. Ministro da Marinha.

O sr. Ministro das Finanças propõe que se abra um credito especial de 1500 contos, 480 dos quaes serão para o Ministerio da Guerra.

O sr. Eduardo de Abreu applaude esta proposta, dizendo que o Governo precisa de todo o apoio da Camara para poder fazer a defeza da Republica.

Lembra que não se devia permittir a venda de propriedades pertencentes a portuguezes exilados depois de cinco d'outubro, e que as contribuições d'estas propriedades deviam ser elevadas a 60 % ou mais.

Disse ainda que a Constituinte devia reunir em Sanrarem, onde a vida é mais economica e o calor muito menos.

O sr. Achiles Gonçalves volta a occupar-se da forma como se fazem os descontos no Banco de Portugal.

Na ordem do dia — discussão do projecto da Constituição—usarom da palavra varios deputados, entre os quaes os srs, Barbosa de Magalhães e Egas Moniz.

24.ª sessão—20 de Julho

Assistiu a esta sessão o grande deputado socialista francez Jean Jaurés.

Annunciou a sua presença o sr. presidente, que propoz que se saudasse por esse motivo a França. O iminente parlamentar francez é acclamadissimo.

O sr. Bernardino Machado propoz que se desse na sala um logar a Jean Jaurés, nomeando-se para o acompanhar a esse logar, uma commissão composta do presidente e dos srs. Abel Botelho, Teixeira de Queiroz e Eduardo d'Abreu.

Jean Jaurés foi cumprimentado da tribuna pelo deputado socialista Manoel José da Silva.

O sr. Alfredo Ladeira fallou sobre a industria textil, respondenlhe o sr. Ministro do Fomento.

Na ordem do dia elejeram-se algumas algumas commissões, e fallaram sobre os acontecimentos de Coimbra os srs. Miguel d'Abreu que condemnou os insultos e apupos que soffreu naquella cidade, e o sr. Luiz Rosette que defendeu o povo de Coimbra e atacou a proposta de Miguel d'Abreu sobre a extincção da Universidade.

25.ª sessão—21 de julho

O sr. Boto Machado realisa a sua interpellação ao sr. Ministro da Marinha sobre a provincia de S. Thomé. Diz que ella envia por anno para a metropole nove e dez mil contos de productos seus, e 900 contos e mais de saldos positivos. Todavia, os governos da monarchia desprezaram sempre essa colonia como nenhuma outra. Refere-se ao seu estado hygienico, que classifica de tremendo, dizendo que a cidade está cercada de pantanos, e edificios ha como a conservatoria que funccionava, em verdadeiras cubatas mais proprias para batuques de pretos do que para outra coisa. Em S. Thomé, nem ha escolas, nem ruas alinhadas, nem avenidas, nem jardins, nem viação publica, nem postos medicos nem coisa nenhuma.

Termina, pedindo ao Governo algumas providencias.

Na ordem do dia, continuou-se a discussão do projecto de lei contra os crimes de traição á patria, usando em primeiro logar da palavra o sr. José de Serpa que em palavras calorosas se pronunciou contra o projecto.

Fallou depois o sr. Granjo que esclareceu as palavras dos seus discursos anteriores sobre o mesmo assumpto, e diz que desde que se mandaram tropas para a fronteira foi porque havia lá conspiradores, apezar do sr. Ministro dos Estrangeiros ter dito que se fizera tão grande movimento de tropas para se verificar do patriotismo do exercito.

O sr. Ministro dos Estrangeiros, interrompendo, disse que apenas havia affirmado que a mobilisação de tropas, fôra uma bella occasião para se averiguar do patriotismo do exercito.

Usaram ainda da palavra sobre o referido projecto, entre outros, os srs. Teixeira de Queiroz, Egas Moniz e Alberto Souto, deputado por Aveiro.

Trechos selectos

Eça de Queiroz

Faz agora um anno que Lisboa, ou para que mais propriamente fallemos, um grupo de amigos e admiradores de Eça de Queiroz prestou ao não já illustre, não já iminente, não já famoso, mas singular e inegualavel artista-escriptor a homenagem de um monumento publico, do genero d'aquelles que Paris está constantemente erigindo aos seus genios familiares, nos seus jardins, nos seus parques, nos seus *squares*, nas suas ruas solitarias, porque a devoção litteraria entendeu, e muito bem, que a luz e o alarido dos espaçosos recintos das cidades não convem aos cultos discretos da intelligencia, do sentimento e da arte.

Assim o entendeu tambem a commissão promotora do monumento a Eça de Queiroz, ou, para que sejamos mais exactos, o conde de Arnoso, velho amigo do romancista e a quem principalmente se deve esta manifestação, escolhendo o largo do Barão de Quintella, retirado o modesto *square* de Lisboa, onde, num tapete de relva apenas viceja uma frondosa palmeira para, definitivamente instalar o marmore votado á memoria do autor da *Reliquia* e de tantas obras primas de imaginação, de observação, de ironia e de graça.

Quando se soube, no entanto que a commissão tinha escolhido esse recinto obscuro para ahi instalar o monumento a Eça, houve uma surpresa tanto mais justificada quanto a tradicção tinha estabelecido que os monumentos, ou as *estatuas*, como commummente se dizia, tivessem o seu logar marcado nos grandes arruamentos e nas grandes praças.

Mas o pensamento da commissão não foi, e não podia ser, o de fazer uma estatua a Eça de Queiroz, genio literario e artistico a quem a nação não deveu nem poemas epicos, como a Camões, nem cartas constitucionaes, como a D. Pedro IV; e, sendo outro, como inquestionavelmente foi, muito delicada e discretamente ella andou pondo-o ao abrigo do espectaculo e do escandalo da multidão, n'um logar de solidão, de apaziguamento e de passagem, como é o largo do Barão de Quintella, á sombra de um grande arbusto de luxo, á frente de um velho palacio historico e n'um fechado circulo de altos, severos, massiços, pesados predios de outros tempos e de outros costumes.

Lá está o monumento e, se pelo facto de perpetuar a lembrança de Queiroz, elle é uma delicada manifestação de cultura e de gosto, pelo facto de ter sido executado por um artista já hoje tão notavel como é Teixeira Lopes, elle é um documento da arte de que a arte portugueza pode orgulhar-se e de que a cidade que elle enriqueceu pode legitimamente estar vaidosa.

Quanto ao homem, cujo genio ficou d'esta forma constantemente recordado ao seu tempo e aos tempos que hão-de vir, não está, creio eu, dito tudo.

Com effeito, com excepção do estudo de Bruno, de aguda e expressiva critica de Ramalho e dos breves subsidios biographicos recentemente fornecidos por Batalha Reis no prefacio das *Prosas barbaras*, não sei que o espirito litterario se tenha applicado em Portugal, com o escrupulo que seria para desejar, a fazer o reconhecimento, na sociedade e nas lettras, da individualidade de Queiroz, tão luminosa, comtudo, e tão transparente, que poucas serão como a d'elle de natureza a estimular a curiosidade dos investigadores da arte.

Queiroz era realmente, como não o foi nenhum outro escriptor portuguez, antigo ou moderno, um genio claro, servido pelo maior poder de imaginação plastica que jámais houve, não já na nossa litteratura, mas em todas as litteraturas do mundo; e por muito que elle tenha sido um romancista, um analysta, um humorista, um chronista, um critico, um fino lettrado ou um alto *dandy* litterario, o que é certo é que elle apenas principalmente, fundamentalmente e estructualmente foi uma imaginação vendo, comprehendendo e adivinhando a vida atravez da mais luminosa e fiel rotina em que ella ainda se espelhou.

Para o meu gosto pessoal, o que mais interessa na sua obra não é a sua moral, a sua observação, a sua cor local, os seus typos, os seus dialogos, ou os seus ditos, mas, mais profundamente, o seu espantoso poder de expressão, quer formulando os mais obscuros estados d'alma, quer reduzindo á viva realidade os mais intraduziveis estados da natureza; e justamente, com excepção dos escriptores, a quem me referi, não vi ainda que algum outro se entregasse á tarefa, não digo já de estudar — porque semelhante estudo não seria senão pretencioso e incerto—mas de documentar um tão rico temperamento artistico, á vista dos ricos documentos da sua obra.

(*Continua*)

João Chagas.

SECÇÃO LITTERARIA

AVÉ-MARIA

Avé-Maria das Dôres!
O nuvem do Sol, no oeste
Latina de Pescadores!
Palacio de oiro e cypreste!
Avé-Maria das Dôres!

O Senhor seja comtigo,
Na ventura e na desgraça,
Na bonança e no perigo...
Maria cheia de Graça!
O Senhor seja comtigo.

Bemdita sejas! Bemdita
Sejas tu entre as mulheres,
E encontres paz infinita
No logar onde estiveres...
Bemdita sejas! Bemdita!

E bemdito seja o fructo
Do teu coração, Maria!
Que seja bello e impolluto
Esse a quem amei um dia!
E bemdito seja o fructo...

Ó Santa Maria, ó Casta!
Ora por mim, sem remedio,
Peccador que o mundo arrasta
Pela azinhaga do tédio...
Ó Santa Maria, ó Casta!

Deus é bom e tu és boa:
O meu unico peccado
E' amar-te (filha, perdôa!),
E' amar-te sem ser amado...
Mas Deus é bom e tu boa.

Ora por mim: Assim seja!
Domus-Aurea! Não te importe
O logar onde eu esteja:
Agora e na hora da Morte,
Ora por mim. Assim seja!

Leça, 1886.

———

O teu olhar consola,
Consola a quem te apraz...
Tens um perfil de rola
E uns olhos de rapaz.

Quando tu vens da escola,
Se os voltas para traz.
Eu lanço a tua esmola
No peito, o meu cabaz.

Sigo-te, flôr dos astros!
Julgo que vou de rastros
E tu que vaes no ar...

E digo, então, sósinho:
Ave que não tem ninho,
Rola que não tem par...

Antonio Nobre.

D'*A Aguia.*

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numeo, 50 éis

Uma opinião de Tolstoi

(CONCLUSÃO)

A Inglaterra fez, pois, Shakspeare, por que a Inglaterra é grande e os seus cultos passaram para nós, senão na mesma medida de devoção, em proporções que os tornaram para nós curiosos e interessantes. Assim como nós nos interessamos por conhecer as leis e os costumes de um grande Estado, assim nos interessamos por conhecer a sua litteratura e a sua arte. Encontrar dentro d'estes um grande homem é principiar até certo ponto a amal-o, mesmo antes de o julgar.

Se isto se chama *suggestão*, Shakspeare começou a ser-nos suggerido pela civilisação ingleza.

Por outro lado, sem a chancella de algumas fortes auctoridades litterarias da França, Shakspeare não teria sido authenticado pelo espirito francez, sem a sanção do qual o genio litterario, o mais fulgurante, corre o risco de permanecer obscuro. A França adoptou Shakspeare e tanto bastou para que Shakspeare entrasse na voga e na admiração universaes.

Foi essa admiração consciente,
Não foi.

O Shakspeare que a Europa passou a admirar, na segunda metade do Seculo XIX, não foi o Shakspeare inintelligivel, obscuro, incongruente, absurdo, methaphorico, affectado e disparatado que realmente elle é, mas o Shakspeare grande homem de uma grande nação, apadrinhado pela maior realeza intellectual do nosso tempo, que foi Hugo, e pela sua mais prestigiosa intelligencia critica que foi Taine.

Tal a suggestão, se suggestão houve.

Tolstoi pretende que a obra de Shakspeare, exhala um tedio mortal. Sem duvida—e esse tedio, todos o sentem. O theatro shaksperiano produz em todo o publico que não seja inglez, uma impressão de grandeza barbara que fatiga. Mas quemo usa dizel-o?

A multidão commove-se, ou diverte-se e os que não se commovem, ou divertem—submettem-se, não ousando, como o polaco de que falla Fradique Mendes, «rebellar-se contra obras de litteratura e de arte que a unanimidade critica, desde seculos, tem consagrado como magistraes».

Dizia Voltaire que no theatro shaksperiano se sente muito mais a barbarie do tempo do que o genio do auctor; e, com effeito, Shakspeare e o seu tempo estão tão intimamente associados que, muitas vezes, desapparece um para só vermos o outro, com as suas paixões selvagens, os seus despotismos ferozes, a sua crueldade antipathica, os seus grotescos monstruosos, a sua affectação e a sua emphase.

Por vezes, não é mesmo um genio que nos fala. E' uma época, com toda a sua rudeza.

Quando, porém, consideramos nesses quadros animados a insufficiencia dos recursos technicos, a ausencia de logica nas situações, a falta de desenho dos caracteres, e esse estylo que em nada se parece com o nosso, porque, como o reconhece Taine, «são duas linguas inconciliaveis»—que immenso tedio! Esses acontecimentos singulares e terriveis, que se succedem sem unidade de tempo, ou de logar, esses personagens que se encontram ao acaso, a nenhuma côr local, o tom metaphorico, a affectação, o máo gosto indispõem-nos até ao mais fundo de nós mesmos contra essa obra tão preconisada e contra esse auctor tão sublimado, que o genio de Hugo nos inculcou, que a forte auctoridade de Taine nos garantiu e diante da qual bocejamos lastimosamente, confundidos e vexados.

Certo, a imaginação de Shakspeare é prodigiosa, e Taine tem razão quando nos diz que elle é «uma cabeça em fogo»; mas não é Taine tambem quem nos diz que Hamlet, essa especie de louco (*demi-fou*), é afinal—Sakspeare?

A sua imaginação parece delirar e falar uma lingua de desvario. O seu theatro é um manicomio. No *Rei Lear*—diz, não me lembra qual dos seus criticos—ha loucura para

NOTICIAS PESSOAES

Partidas e chegadas

Depois de ter passado alguns mezes entre nós, retirou para o Estoril o nosso prezado conterraneo sr. Manuel Gomes Marques.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 20

Acaba de chegar a esta cidade, vindo de Canellas, o nosso prezado amigo Manuel da Silva Carracio, que era esperado em Sacavem por muitos dos seus amigos, entre os quaes nos lembra ter visto os srs. Domingos d'Oliveira e sua esposa, Antonio Dias de Mello, Cesar Ferreira, Antonio Marques da Silva, e as srs.as Emilia Dias da Silva, Maria Sousa, Carolina Tosca e Olivia Dias da Silva, e quem escreve estas linhas.

O sr. Carracio, que está muito grato aos seus amigos pelo bello acolhimento que lhe fizeram, tenciona partir por estes dias para o Alemtejo.

—Causou aqui profundo desgosto a noticia enviada d'Alquerubim para o *Seculo*, e tambem publicada no *Correio do Vouga*, de que apparecera num poço d'essa villa d'Eixo uma creança que para elle fôra lançada por mão criminosa.

Compete ás respectivas auctoridades porem-se em campo e não descançarem emquanto não descobrirem o auctor ou auctores de tão repugnante delicto.

—Realisou-se no ultimo domingo, na capital, um comicio publico, promovido pela Associação dos vendedores de peixe, com o fim de fazerem entrar na ordem os proprietarios de vapores que, para prejudicarem aquella classe, só permittem a descarga do peixe, quando elle está quasi deteriorado, sendo por isso, impossivel a sua venda,

Ao comicio assistiram mais de duas mil pessoas, entre as quaes se destacavam muitas varinas que protestavam, em altos gritos, contra os industriaes.

Todos os oradores, que atacaram a Camara e o Governo, foram muito applaudidos, especialmente quando se referiram ao facto dos generos de primeira necessidade, em vez de baixarem de preço, como tantas vezes o prometteram nos comicios os caudilhos republicanos estarem cada vez mais caros.—*Melicias.*

—=—

Alquerubim, 17

Ha dias afogou-se no rio Vouga, no sitio do Caneiro, junto á Barca de Macinhata do Vouga, um pequeno de 6 annos que andava a brincar no rio com um irmão de 4. Eram filhos de Manuel Ferreira, de Serém.

Estes factos, que infelizmente se dão frequentes vezes, são devidos á imprudencia dos paes que deixam ir os filhos sosinhos brincar para junto do rio.

—Agora, 5 da tarde, está imminente sobre nós uma grande trovoada, ameaçando dar muita chuva, que bem precisa é, pois todas as plantas estão a resentir-se da sua falta.—C.

—

S. João de Loure, 12

Passou o dia 24 de junho—e que grande tristeza na minha terra! Era costume, nesta linda aldeia do Vouga, festejar todos os annos, naquelle dia o S. João. Com que saudade eu me lembro dos tempos descuidosos da minha infancia, em que, no dia de S. João logo ao romper da manhã, saía de casa mesmo sem almoçar, e corria atraz dos foguetes, por quintas e quintaes, saltando comoros e muros, sem me lembrar de que podia rasgar as mãos em alguns dos numerosissimos vidros com que os generosos proprietarios costumam defender as suas propriedades.

Eram, muitas vezes, duas e tres horas da tarde, e eu ainda em jejum, e não havia meio de ouvir as horas que a barriga me ia dando.

A' tarde e á noite, quem quizesse encontrar-me, era procurar-me no arraial onde me parece que ainda estou a vêr grandes cestos cheios de cerejas muito vermelhas cuja lembrança me faz até nascer agua na bocca.

E nada d'isto, este anno, houve na minha terra que eu visitei depois d'alguns annos de ausencia.

Como isto me faz saudade! Amigos e conterraneos: Não vos esqueçaes, para o anno seguinte do S. João Baptista!—*José Pedro.*

Curiosidades

A BASTILHA

No dia 14 de julho de 1789 tomaram os parisienses á viva força a Bastilha, horrorosa prisão de Estado que assombrava a sua capital desde o fim do seculo XIV.

Os pavorosos mysterios da Bastilha, registados na historia, são sem conta. Tamanho ardor de odio puzeram os liberaes em demolir aquelle monumento da tyrania, que poucos dias depois da sua tomada nem já ruinas d'elle alli appareciam. Era uma praça rasa com esta inscripção no meio:

«*Aqui se dança!*»

E de facto alli dançou quasi toda a cidade!

Onde era o local da Bastilha, via-se um elephante de enormes dimensões; hoje eleva-se a columna de Julho, consagrada aos martyres da revolução de 1830.

Sé Velha de Coimbra

A Sé Velha de Coimbra é talvez o decano de todos os templos de Portugal.

A Sé Velha vem do tempo gothico, a que sobreviveu. Foi mesquita de mouros, templo de christãos e sé parochial.

Este templo fôra feito a modo de fortaleza, porque, sendo obra dos godos, é certo que lhe não podia ser estranho o pensamento d'aquelles tempos, em que os godos pelejavam pela patria, das torres de suas egrejas.

A architectura da Sé Velha é de grande merecimento, basta-lhe a longevidade. Os seus lavrados são muito mimosos, em fórma e gosto gothico.

Foi n'este antigo templo que Fernando Magno, o restaurador de Coimbra, armou 900 cavalleiros e entre elles Ruy Dias de Bivar, que depois se tornou o terror dos mouros no reino de Valença.

Foi aqui tambem que o sempre lembrado mestre de Aviz, recebeu a corôa dos reis de Portugal, depois de acclamado rei no palacio real de Coimbra, em 6 de abril de 1385.

A Sé Velha de Coimbra é finalmente um momento dos mais respeitaveis que possue Portugal.

Leituras amenas

A MORTE DA ANDORINHA

Noite de maio. Durante o dia havia chovido torrencialmente. O ceu negro, coberto de nuvens espessas,. mostrava de espaços a espaços o brilhar dos relampagos, ouvindo-se ao longe o ribombar do trovão.

Cá fóra, o vento soprava rijamente, parecendo mais o silvo de uma locomotiva que o ar posto em movimento..

Silencio sepulchral!

Os sinos do presbyterio haviam soado a meia noite!

. . . . . .

Em uma casa terrea, dentro de um pequeno catre, agonisava uma creança de cinco annos, de nome Marilia, uma flor, um aujo do ceu roubado!

Tinha passado alguns dias saltando constantemente no leito, alliviando os ardores da febre que a devoravam. Sua mãe, que a estremecia, estava alli, junto do berço, com os olhos fitos na imagem da Virgem Santissima que adornava uma das rusticas paredes do catre.

O pae que andava ausente em busca de melhor sorte para os entes que mais adorava—esposa e filha—escrevera havia pouco tempo, participando-lhes o seu regresso ao lar.

. . . . . .

Cinco horas da manhã! O ceu já livre das nuvens espessas, mostrava-se risonho, alegre e jovial. O sol, riscando nos arvoredos longos traços de oiro, dardejava seus raios ardentes pelos pincaros das mais altas montanhas.

Com os olhos rasos de lagrimas, a mãe tomou a filha no regaço, e lhe beijou a face já fria, para a reanimar.

Em vão! a creança havia voado, envolta em nuvens de oiro, cercada de seraphins, para a eterna mansão.

Adoeceu o mãe, e três dias depois á terra muda e fria a filha foi procurar. Num torpe bocejo, recebeu a terra o corpo macerado daquella mãe, que a dor roubou ao mundo!...

...E um mês de viagem foi volvido, quando o desventurado marido a casa achou vasia.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . .	*174$650*
Padre Manuel da Cruz . .	*1$500*
José Liborio	*1$000*
D. Carolina Adelaide de Mello	*1$000*
Manuel Rodrigues Vieira .	*1$000*
Bispo d'Angola e Congo . .	*10$000*
Somma . . .	*189$150*

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo Figueiredo, em Eixo; Manoel de Moura e Avelino Dias de Saldanha, em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

REGISTO BIBLIOGRAPHICO

DA

Livraria Central de Gomes de Carvalho

158, Rua da Prata, 160—LISAOA

Album das glorias: Homens de Estado, poetas, jornalistas, dramaturgos, actores, politicos-pintores, medicos, industriaes, typos, etc. Texto de João Rial, to e João Ribaixo (Guilherme d'Azevedo e Ramalho Ortigão·) Desenhos de Raphael Bordalo Pinheiro, litographias de Justino Guedes. Tudo que publicou, 2$500 réis.

(D'occasião)

Amores novos. Versos por Henrique Trindade Coelho. 1 vol., 400 réis.

Amorosas. Dez contos, em prosa, de *Rabelais* (Alfredo Gallis). 1 vol., 600 réis.

Anna Karénine, par Léon Tolstoi. Introduction par Emile Faguet, de l'Académie française. 2 vol. illustr., rel. 600 réis.

Breves noções do Espiritismo e dos seus principios e ensinos. Coordenadas e editadas pela Redacção da Revista Psychica «A Luz da Verdade». 1 vol., 250 réis.

Cancion de Cuna. Comedia en dos actos, por G. Martinez Sierra. 1 vol., 700 réis.

Representada por primera vez en el *Teatro Lara,* de Madrid, el 21 de Feverero de 1911.

Cartas de um japonez. (De Lisboa para Tokio). Critica de um oriental ácerca do nosso paiz, por Alfredo Gallis. 1 vol. 500 réis.

A B C Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

um hospital inteiro. Quando é que Hamlet está doido? Quando deixa de o estar? Um genio incoherente tem todas as condições para parecer grandioso, porque nada amesquinha mais a estatura dos homens do que o privilegio simples da razão.—Não é menos certo, porém, que mesmo o poeta em Sakspeare nos deixa desoladamente incertos e duvidosos, sem coragem para o negar mas sem enthusiasmo para o amar persuasivamente.

A suggestão da gloria de Shakspeare exerce-se, portanto, no nosso espirito como a suggestão da gloria de Torquato Tasso se exercia no espirito attribulado do professor tão espirituosamente contado por Eça de Queiroz—por pusillanimidade. Sempre que duvidamos de Shakspeare, duvidamos de nós proprios.

Se fosse permittido tirar alguma nova conclusão de um facto universalmente averiguado, nós concluiriamos que Shakspeare é um genio inglez, que só aos inglezes pertence.

A Inglaterra é um Estado que ainda hoje se rege por velhas leis e antigas formulas. A litteratura, assim como a sociedade, mantem ali os mesmos velhos cultos. Shakspeare ainda hoje anima com o seu genio archaico a litteratura d'esse paiz, de tradições tão arreigadas, que as mantem a todas através da evolução do tempo e do progresso e nos dá esse exemplo singular de um Estado eminentemente moderno vivendo ainda á sombra de conquistas e acquisições do passado.

Shakspeare é uma tradição ingleza. Um escriptor francez chama-lhe o *Homero dos inglezes.* Como tal, é objecto do culto carola que inspiram todos os genios civicos. A critica dos inglezes encontra qualidades nos mesmos defeitos d'esse verdadeiro heroe nacional, que é na litteratura patria o que Guilherme, o Conquistador, foi na historia. «Os inglezes, diz um dos seus panegyristas o estopante Villemain, fizeram de Shakspeare um homem que, sem nada saber, tudo creou, um profundo metaphysico, um moralista incomparavel, o primeiro dos philosophos e dos poetas. Deram as explicações mais subtis dss accidentes da sua fantasia poetica, sublimaram os seus erros mais grosseiros, attribuiram a uma invenção do seu genio as proprias influencias da barbarie do seu tempo sobre a sua obra»

Quando o genio de Shakspeare foi objecto das irreverencias de Voltaire, sairam a campo, a defendel-o com exaltação, entre outros apaixonados criticos inglezes, lord Kaimes e Mistress Montaigu. Mais tarde, outro critico inglez, William Hazlitt, accusava estes seus predecessores de terem defendido frouxamente a memoria gloriosa de Shakspeare e assignalava, como sendo a unica que se aproximava da verdade, uma critica allemã que concluia por estas palavras a enumeração dos privilegios do genio shaksperiano:—«A natureza e o mundo dos espiritos depuzeram-lhe aos pés os seus thesouros. Semi-deus pela omnipotencia, propheta pela profundidade das suas vistas, espirito sobrenatural pela extensão da sua sabedoria, collocado acima da humanidade, Shakspeare desce até aos mortaes, como se não tivesse o sentimento da sua superioridade e é ingenuo e simples como uma creança».

Quando um genio nacional toma estas proporções exageradas, é justo pelo menos, deixa-lo nas suas fronteiras, e eis o que teria succedido, se algumas admirações estranhas não o fizessem sair d'ellas e não o impuzessem á admiração universal, não, em rigor, pelas influencias da suggestão, como pretende Tolstoi, mas pelos despotismos da autoridade alheia, porque, perante a condição indebellavelmente servi do homem, toda a força embora moral, embora intellectual, é uma forma da tyrannia, que o escraviza até ás maximas abdicações de si mesmo.

João Chagas.

(Do livro *Vida Litteraria*).

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, ontendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Praia, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇAO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A M. F.

3.ª edição . . . 100 reis

ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão 2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuvas

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do a ctor e cem pequenos artigos de c itica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR. . A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

Á venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
« —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil—anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. .	10 reis
Communicados, cada linha. .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

4.º ANNO—N.º 28

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.